

# FOLHA DE S. PAULO

95  
anos

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 ★ SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2016 ★ Nº 31.883

EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 20H59 ★ R\$ 4,00

B4 esporte ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2016

FOLHA DE S. PAULO

“Vamos cobrir essas questões [zika, atrasos, violência] de saída. Mas, uma vez que comecem os Jogos, só se afetarem os atletas ou as competições

JIM BELL  
produtor executivo da NBC Olympics

**A narrativa dominante no Rio será provavelmente sobre os atletas, a menos que aconteça como em 1996 em Atlanta [EUA], com o atentado**

JOSHUA BENTON  
Diretor do Nieman Journalism Lab, de Harvard

## Terror deve impactar cobertura de grandes veículos

DE SÃO PAULO

Na última quarta (13), um dia antes do ataque em Nice, o jornal “Libération” noticiou que, segundo transcrição da Assembleia francesa, um brasileiro “estava pronto para cometer atentados contra a delegação francesa nos Jogos”.

O trecho deveria ter sido suprimido da transcrição, mas escapou e, junto com o próprio ataque, deve provocar uma revisão na cobertura que grandes veículos estrangeiros preparam para o Rio, segundo correspondentes que pediram anonimato.

Chantal Rayes, correspondente do “Libé”, que participou da reportagem sobre o caso, afirma que “é difícil dizer se a ameaça é real”, mas

é certo que “a questão da segurança está tomando peso”.

Ela lembrou a “franqueza desconcertante” de um oficial da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) ao reconhecer três meses atrás, depois dos atentados em Paris, que não tem como evitar que alguém compre “um AK-47 num morro da vida”, no Rio.

Os veículos ouvidos não devem mudar as equipes, que viajam ao Rio para cobrir prioritariamente as competições. O “Libé” e o espanhol “El País”, por exemplo, enviam três e quatro jornalistas, respectivamente, especializados em esportes. Segurança, zika e crise política continuam com correspondentes.

O mesmo deve acontecer com o “New York Times”, que

informou estar mandando 30 profissionais ao Rio, entre repórteres, editores, fotógrafos e produtores de vídeo, para extensa cobertura esportiva, que não foi alterada por causa de zika e outros problemas.

A cobertura mais especializada em ameaças de terrorismo deve prosseguir nas respectivas sedes, onde estão os repórteres e suas fontes da área de inteligência, em cidades como Paris e Nova York.

### VIOLÊNCIA

Do ponto de vista mais amplo, a criminalidade no Rio não chega a ser uma prioridade. Para Amaya Iribar, editora de esportes do “El País”, por exemplo, “a segurança [a policial] nos dá mais medo”.

Para Joshua Benton, dire-

tor do Nieman Journalism Lab, de Harvard, um certo alarme “é padrão que se repete bastante” antes de Olimpíada. Cita Atenas em 2004 e Sochi (Rússia) em 2014, que enfrentaram “muita cobertura negativa”, mas só até começarem as competições.

“A narrativa dominante no Rio também será provavelmente sobre os atletas”, avalia, “a menos que aconteça como em 1996 em Atlanta [EUA], com o atentado no parque, ou em 2002 em Salt Lake City [EUA], com a explosão da bomba no último dia”.

Benton, que participou da cobertura desta última, realizada depois do ataque de 11 de setembro, sublinha que “notícias acontecem”.

(NELSON DE SÁ)